

# PREFÁCIO AO *DE TRIBUS IMPOSTORIBUS* (1700)<sup>1</sup>

SEBASTIAN KORTHOLT

TRADUÇÃO E NOTAS:

EMANUEL ANGELO DA ROCHA FRAGOSO\* E FLORA BEZERRA DA ROCHA FRAGOSO\*\*

Sobre Spinoza<sup>2</sup>, o celeberrimo Pierre Bayle<sup>3</sup> tem escrito desde o tempo de meu pai. Ele tratou mais completamente sobre a vida, os escritos e os adversários de Spinoza do que o editor das *Opera posthuma*<sup>4</sup> que só mencionou brevemente seu modo de vida. Se eu acrescentasse algumas informações pouco conhecidas e até agora inéditas, eu creio que estarei fazendo algo de que me agradecerá o Benévolo Leitor<sup>5</sup>. Mas não acrescentarei nada que eu não tenha reunido pessoalmente, alguns anos atrás, quando estive em La Haye, da boca de homens cultos e muito honrados, principalmente de membros da casa de Spinoza e de

seu hospedeiro H. van der S...<sup>6</sup>, homem digno de confiança e um pintor extremamente talentoso, que inclusive desenhou o rosto do ateu. Segundo estas testemunhas, Benedictus Spinoza era filho de um comerciante judeu em Amsterdã e era chamado Baruch. Em sua juventude ele já causava a seu pai grandes desgostos, pois embora destinado ao comércio ele se dedicava inteiramente as letras<sup>7</sup>. A língua latina ele aprendeu com avidez sob a orientação e os auspícios de uma jovem culta, junto com o senhor Kerck...<sup>8</sup> de Hambourg, aluno com quem mais tarde ela se casou.

[2] Com a morte de seu pai, Spinoza partiu de sua cidade natal, deixando sua herança (com a única exceção de uma cama) para seus familiares. Não abandonou nunca as Províncias Unidas, mas se dirigiu primeiro a Rhijnsburg, depois para Voorburg e por fim foi para La Haye, onde o já mencionado H. van der S. lhe forneceu comida e hospedagem, e onde viveu uma vida extremamente solitária. É certamente verdade o relato do editor<sup>9</sup>, da *OPERA POSTHUMA* do Ateu<sup>10</sup>, de que ele ficou em casa por vários meses naquela época. Por ser muito aplicado, se dedicava a seus estudos inclusive em plena noite e a maior parte de seus escritos tenebrosos foram redigidos a luz de vela<sup>11</sup> entre as dez da noite e três da manhã, e quase sempre durante o dia se abstinha de contato com os outros homens<sup>12</sup>, assim não passaria uma hora sem se perder a si mesmo e também aos demais. A exatidão desta informação é confirmada pelo senhor Christ. Nic. Von Greiffencrantz<sup>13</sup>,

\* Professor do CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE e Coordenador do GT BENEDICTUS DE SPINOZA.

\*\* Graduanda em FILOSOFIA na UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE e BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PIBIC-CNPQ.

<sup>1</sup> **Nota dos Tradutores:** Redigido por Sebastian Kortholt como prefácio para a reedição de 1700 do livro que seu pai, Christian Kortholt (1633-1694), publicou em 1680 contra Hobbes, Herbert of Cherbury e Spinoza intitulado *DE TRIBUS IMPOSTORIBUS*. Segundo Wolf, o título é *DE TRIBUS IMPOSTORIBUS MAGNIS*. (Nota de Wolf, p. 190).

Utilizamos como base para nossa tradução, o texto FROM SEBASTIAN KORTHOLT'S PREFACE TO CHRISTIAN KORTHOLT'S BOOK, "ON THREE GREAT IMPOSTORS" (1700), de A. Wolf, in: *THE OLDEST BIOGRAPHY OF SPINOZA. Edited with translation, introduction, annotations by A. Wolf*. N. Y. e London, publicado pela Kennikat Press, p. 164-170, (1927 e 1970). No entanto, a tradução de Wolf não tem os dois últimos parágrafos, que traduzimos do PRÉFACE AU DE TRIBUS IMPOSTORIBUS (1777), in: *ÉCRITS SUR SPINOZA. Textes choisis et présentés par Françoise Charles-Daubert et Pierre François Moreau*. Publicado pela Berg International, Paris, p. 180-181, 1983, da qual adotamos também a divisão em parágrafos. Além destas, cotejamos nosso texto com a tradução feita por Atilano Domínguez, in: *BIOGRAFIAS DE SPINOZA. Selección, traducción, introducción, notas y índices por Atilano Domínguez*. Publicada pela Alianza Editorial, Madrid, p. 91-95, 1995.

<sup>2</sup> **NT:** Optamos por manter a grafia original para a maioria dos nomes próprios citados (inclusive o de Spinoza, grafado com s), bem como para os nomes de obras citadas pelo autor que não possuam tradução para o português. No entanto, sempre que nos referirmos a Spinoza em nossas Notas, utilizaremos a grafia mais usual atualmente, com z.

<sup>3</sup> **NT:** Trata-se do autor do *DICTIONNAIRE HISTORIQUE ET CRITIQUE*, Verbete SPINOZA, que pode ser encontrado no *Tome II*, p. 1083\*-1100, (1ª ed.) de 1697; ou no *Tome III*, p. 1767-1788, *Édition II* (1702); ou ainda no *Tome Treizième*, p. 416-468, *Nouvelle édition* (6ª ed.), de 1820.

\* Na edição de Atilano está p. 1038-1100 (Conforme *Op. Cit.*, p. 91).

<sup>4</sup> **NT:** No original: *ŒUVRES POSTHUMES* (em francês). Optamos pelo título original em Latim.

<sup>5</sup> **NT:** Estes termos iniciam-se com maiúsculas em Wolf.

<sup>6</sup> **NT:** Trata-se de Hendrick van der Spycck.

<sup>7</sup> **NT:** Kortholt é o único a dar esta informação. (Nota da tradução dos *ÉCRITS*, p. 177).

<sup>8</sup> **NT:** Dick (ou Theodor) Kerckrinck.

<sup>9</sup> **NT:** Trata-se de Jarigh Jelles, autor presumido de outro *Prefácio*, o das *OPERA POSTHUMA* (1677).

<sup>10</sup> **NT:** Wolf escreve este termo com a primeira letra maiúscula.

<sup>11</sup> **NT:** No original: *by lamplight*. Tanto a tradução do Atilano quanto a dos *ÉCRITS* não mencionam a luz artificial.

<sup>12</sup> **NT:** A tradução dos *ÉCRITS* inverte o sentido desta frase: "[...] *ses journées, il les consacrait à la vie sociale, [...]*".

<sup>13</sup> **NT:** Cf. nota de A. Wolf, Chr. N. Greiffencrantz foi um diplomata alemão. Ele representava o Duque de Holstein em Viena em 1688. Alguma das cartas que trocou com Leibniz foram preservadas na Biblioteca de Hanover (WOLF, *Op. Cit.*, p. 191).

Conselheiro do Sereníssimo Duque de Holstein, que tratou com Spinoza em La Haye no septuagésimo segundo ano deste século [1672]<sup>14</sup>, em uma carta ao meu pai enviada no dia 6 de Abril de 1681<sup>15</sup> de Holms, na Suíça, em que diz: “*ele parecia, disse ele, viver inteiramente para si, sempre solitário e envolvido em seus estudos*”. Sêneca teria dito de Spinoza o mesmo que dizia finamente de Servilius Vatia, quando passando pela casa de campo em que ele sempre se escondia como num túmulo: “Aqui está enterrado Vatia”.

[3] Algumas vezes no entanto ele procurou distração mental polindo lentes, que seu senhorio me mostrou junto com desenhos<sup>16</sup> feitos pela mesma mão, como objetos dignos de apreciação. Ocasionalmente, em momentos de ócio, conversava com homens cultos e importantes, aos quais permitia a visita ao invés de sair de seu caminho para encontrá-los, e tratava com eles de assuntos de Estado. Ele pretendia ter renome de político, e seu espírito e sua reflexão o tornavam capaz de prever com perspicácia eventos futuros, que ele com frequência previa a seus hóspedes. Ele não excluía sempre os judeus da convivência habitual em sua casa<sup>17</sup>, e devotou um pouco de seu tempo a discípulos aos quais inoculava gratuitamente o veneno de suas teses. Pois ele era gratuitamente um Ateu malvado. Ele se proclamava no entanto cristão, e não só freqüentava as assembléias dos reformados e dos luteranos<sup>18</sup>, como sempre persuadia e exortava os outros a freqüentar os lugares de culto, recomendava vivamente aos membros de sua casa certos pregadores do evangelho. Jamais saiu dos lábios de Spinoza um juramento ou uma observação frívola sobre Deus; tampouco abusou do vinho e levava uma vida muito rigorosa. Somente pagava ao seu hospedeiro oitenta Florins holandeses por prazo de vencimento, e não gastava mais do que quatrocentos por ano. Ele não tinha nenhum desejo por dinheiro, pois se fosse um homem ávido de glória, ou ao menos mais ambicioso, não teria recusado algumas vezes o posto de professor que lhe havia sido oferecido; ou mais orgulhoso, ele talvez tivesse

escolhido ser cruelmente feito em pedaços em companhia de seus amigos De Witts, desde que a uma vida breve, correspondesse uma eternidade de glória.

[4] Quando completou quarenta e quatro anos, dos quais viveu seis escassamente<sup>19</sup> com o já referido pintor, o filósofo, exausto de noites de intenso trabalho, caiu doente. Mesmo assim ele continuava a refletir sobre a vida, e não lhe vinha à mente a morte iminente. Em 21 de fevereiro de 1677, ele disse ao seu hospedeiro, que estava indo escutar um pregador a tarde, “Se Deus quiser, retomaremos nossa conversa após o sermão”. Mas antes do retorno de seus hospedeiros, ele desistiu de sua alma impura e, placidamente, deu seu último suspiro na presença apenas de um doutor<sup>20</sup> em medicina de Amsterdam. Quanto a saber se tal fim pode convir a um ateu, há muito que isto tem sido objeto de discussão entre os sábios.

[5] Depois da morte de Spinoza, muitos homens importantes, dentre eles Cl. [Cornelis]<sup>21</sup> Bontekoë<sup>22</sup>, tentaram com afínco adquirir os livros que deixara. Porém, Spinoza, assim como Hobbes, não se preocupava em manter grandes estoques de livros e havia deixado escassos quarenta<sup>23</sup>, que foram vendidos por altas somas. Entre eles não foram encontrados o *TRAITÉ DE L’ARC-EN-CIEL*, que Spinoza havia escrito com muito labor, e que o editor de sua *OPERA POSTHUMA* pensa que talvez ainda esteja escondido em algum lugar<sup>24</sup>. Mas por outro lado eu tenho por certo que o autor, no ano mesmo de sua morte, enviou o livro não

<sup>19</sup> NT: No original: *and had scarcely lived six years*. A tradução do Atilano fala em “quase seis anos” (*casi seis*); a tradução dos ÉCRITS “mais de seis anos” (*plus de six ans*).

<sup>20</sup> NT: Ao narrar o último dia de vida de Spinoza, Colerus designa este médico apenas pelas iniciais LM. Na nota 64 de sua tradução da BIOGRAFIA DE BENEDICTUS DE SPINOZA, Atilano afirma que *El doctor L.M. es sin duda Lodowijk Meyer* (*Op. Cit.*, p. 252). A versão de Émile Saisset, a edição da *Pleïade*, a tradução de Mario Calés e a versão de Pollock para a biografia feita por Colerus não fazem nenhuma referência a Lodowijk Meyer.

<sup>21</sup> NT: Segundo Atilano (*Op. Cit.*, p. 94).

<sup>22</sup> Nota de A. Wolf: Cornelis Bontekoë era doutor em La Haye. (*Op. Cit.*, p. 192)

<sup>23</sup> Nota de Wolf: O inventário oficial de Spinoza enumera 161 livros e não 40. O texto do inventário encontra-se em Freudenthal, *LEBENS GESCHICHTE SPINOZA’S...*, p. 160-164, e há uma versão francesa em Van Rooyen, *INVENTAIRE DES LIVRES DE BÉNÉDICT SPINOZA*. [NT: A tradução do Atilano considera esta cifra “muito baixa” (*La cifra de libros es muy baja*); a tradução dos ÉCRITS, em nota, considera este número “falso” (*Faux*) e remete ao inventário da biblioteca de Spinoza (*Cf. l’inventaire de la bibliothèque*)]. Pode-se consultar a relação dos livros da biblioteca de Spinoza em: FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. **Biblioteca do Spinoza**. Disponível em: <<http://www.benedictusdespinoza.pro.br/4939/14760.html>>. Acesso em: 10 ago. 2008.

<sup>24</sup> Nota de A. Wolf: Veja o Prefácio da B. D. S. *OPERA POSTHUMA*.

<sup>14</sup> NT: Acréscimo do tradutor (A. Wolf). Na tradução dos ÉCRITS e na do Atilano, o ano está incorporado ao texto.

<sup>15</sup> NT: Na tradução dos ÉCRITS está 7 de abril e na tradução do Atilano está 9 de abril.

<sup>16</sup> NT: Colerus (*VIE DE SPINOZA*) também cita desenhos feitos por Spinoza.

<sup>17</sup> NT: Kortholt é o único a dar esta informação, e Freudenthal a utiliza em sua biografia (*DAS LEBENS SPINOZA’S...*, 1927, p. 77). Colerus afirma o oposto. (Nota da tradução dos ÉCRITS, p. 179).

<sup>18</sup> NT: Bayle retoma estas afirmações, contraditas por outros biógrafos. (Nota da tradução dos ÉCRITS, p. 179).

para as chamas<sup>25</sup> mas para o fogo<sup>26</sup>, no mesmo dia em que as procissões pelas ruas de La Haye foram iluminadas por festivos fogos de artifício. Ele observou que estava imitando aqueles alegres e cintilantes fogos e produzia em sua casa alegres e festivas chamas, acrescentando: “Eu trabalhei muito tempo e meditei muito sobre estes assuntos e a redigir estes textos, que, agora estou seguro, ninguém irá ler”. Oxalá tivesse lançado ao fogo vingador seus trabalhos restantes, que haveriam de cobrir de trevas a luz da claríssima verdade, produtos de uma fantasia errante, espectros horríveis de um portal diabólico, que deveriam ter sido relegados ao inferno de onde vieram, pois se tivessem sido queimados, não arrastariam a alma de nenhum leitor às chamas que não podem ser apagadas! Mas para que não parasse de incomodar mesmo depois de morto, no dia anterior ao de sua morte entregou os livros que havia escrito aos cuidados de seu hospedeiro, que lembrou-lhe de sua mortalidade, para que fossem entregues a Joh. Riversenius<sup>27</sup>, livreiro em Amsterdam. Assim foi feito, e no mesmo ano em que foram publicados sua B. D. S. OPERA POSTHUMA, deu origem às opiniões mais diversas; porém, os homens sensatos as julgaram discordantes e ímpias além das medidas. **[FIM DO TEXTO DO A. WOFF]**. Foi em vão que o editor fez o elogio de sua utilidade e da fictícia piedade do autor. Porque jamais os espinhos dão figos ou uvas<sup>28</sup>. Eis uma palavra do Salvador que parece visar Spinoza, que deforma os testemunhos das Santas Escrituras e os símbolos da doutrina celeste: “Eles caíram entre os espinhos, e os espinhos cresceram e os sufocaram”.

**[6]** Em boa hora, pois, que Spinoza, pai de opiniões monstruosas, não tenha dado a última mão ao texto sagrado que havia começado a traduzir ao latim<sup>29</sup>, e que não tenha dado ao público a obra de Deus desfigurada por seus cuidados.

<sup>25</sup> **NT:** Wolf põe entre colchetes o termo *candle*, significando que o livro não foi queimado na “chama” [da vela], mas lançado ao fogo (*Op. Cit.*, p. 169). Já a tradução do Atilano e a dos ÉCRITS, interpretam esta passagem como significando que o livro não foi enviado para publicação e sim, enviado às chamas.

<sup>26</sup> **NT:** Colerus afirma a mesma coisa. Mas este texto foi encontrado no século XIX e é considerado hoje em dia como uma obra de Spinoza.

<sup>27</sup> **NT:** Trata-se de Jan Rieuwertsz.

<sup>28</sup> O jogo de palavras sobre *spina* (*épine*) [espinhos], *spinus* (*épineux*, [espinhos] coberto de *épine*), Spinoza, já está no livro de Kortholt pai, que faz alusão à terra coberta de espinhos, desde a maldição divina, em punição ao pecado de Adão (“*spinosa ex divina maledictione terra*”). – Citado por Dunin-Borkowski, *DER JUNGE DE SPINOZA*, p. 57). Encontramos nos autores mais diversos. (Nota da tradução dos ÉCRITS, p. 180).

<sup>29</sup> Ao holandês, segundo Colerus. [Nota da tradução dos ÉCRITS, p. 181; Atilano também faz esta ressalva (*Op. Cit.*, p. 246)].

**[7]** Eis o que eu tinha a dizer sobre este famoso ateu. Omiti muitas informações que eu poderia acrescentar, para não tomar mais tempo daqueles que vão ler o livro de meu pai. A ocasião de reeditar esta obra foi propiciada por Pierre Bayle, que recentemente me solicitou e por Thomas Burnet<sup>30</sup>, cavaleiro da Inglaterra, que a solicitou-me muitas vezes.



<sup>30</sup> O teólogo e filósofo inglês, Thomas Burnet (ca. 1635-1715) é conhecido por sua oposição a Locke. (Nota da tradução de Atilano, p. 246).